

O MONSTRO DO GUAÍBA

Christina Dias

Ana Carolina
Pinheiro

Ilustrações de
Edgar
Vasques



SELO DA
KOMBINA



Ilhota
sem nome

entrada nº

2

Gnamba = entrada nº

3

pedras
também

Lago

chave
b

Setor 2

Porto Alegre = entrada n.º



as pedras

Lago

chave a



Setor 1

SELO DA
KOMBINA



O MONSTRO DO GUAÍBA

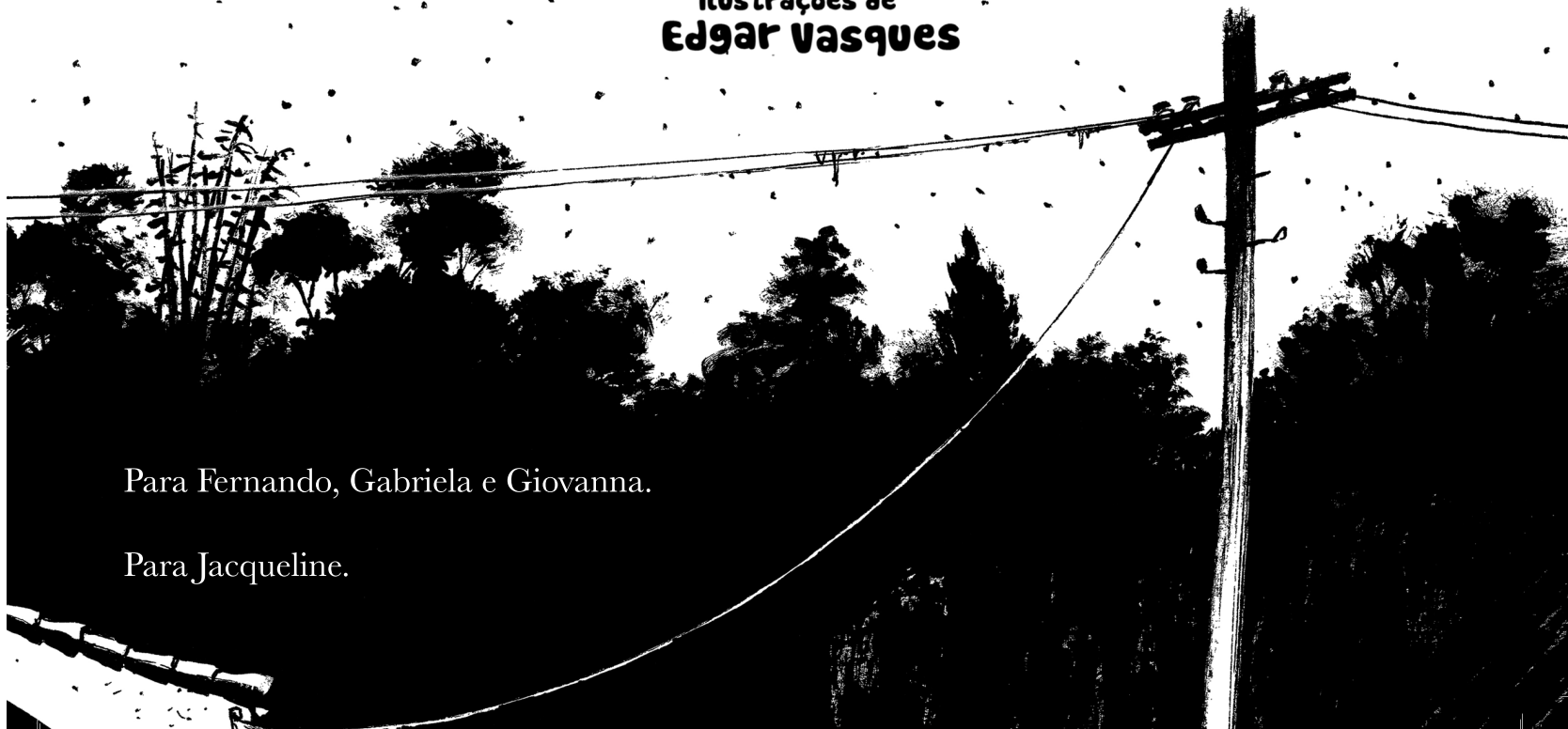
Christina Dias

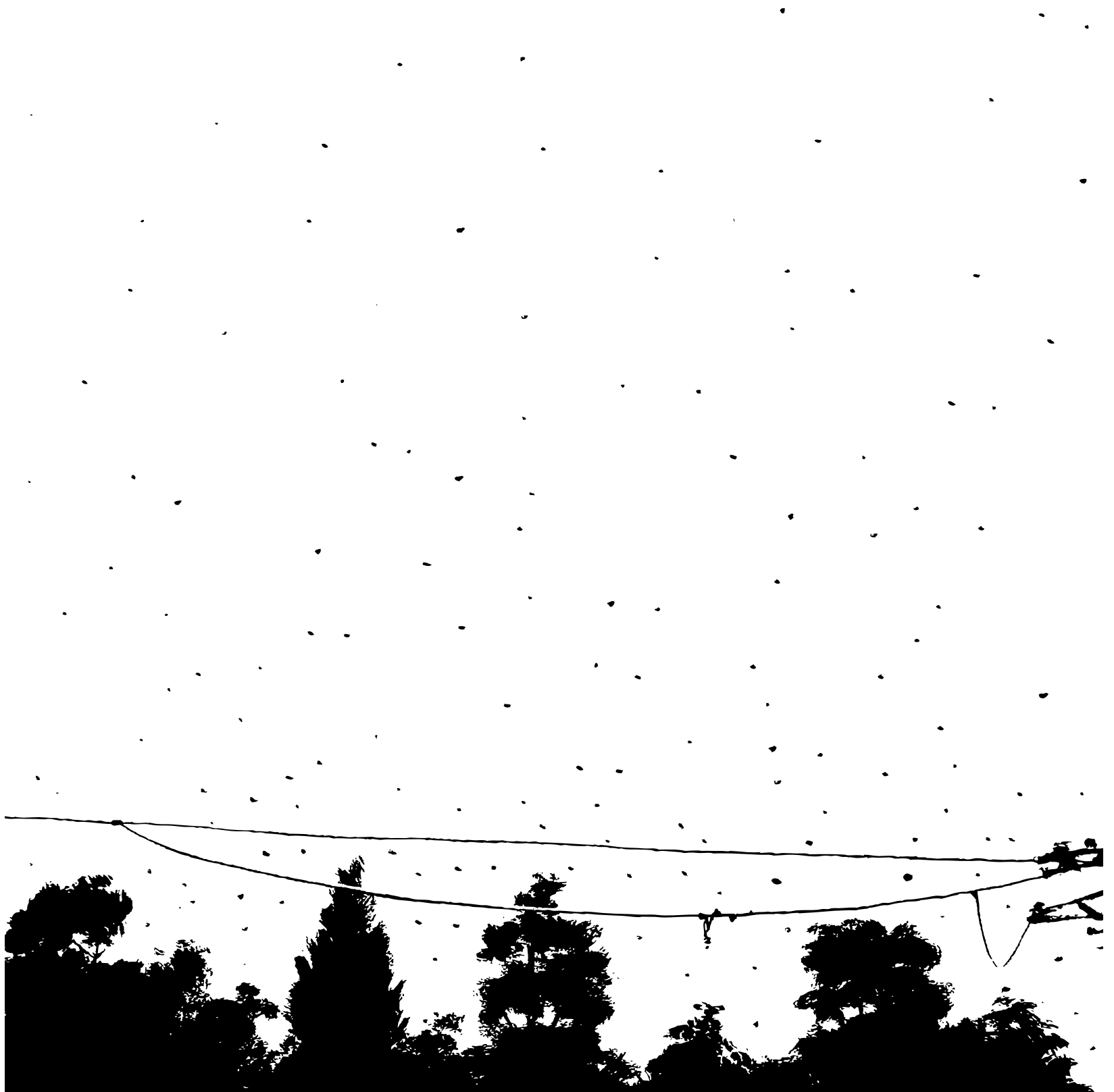
Ana Carolina
Pinheiro

Ilustrações de
Edgar Vasques

Para Fernando, Gabriela e Giovanna.

Para Jacqueline.





- Que barulho foi esse, mãe?
- Barulho!?! Que barulho, meu filho?
- Esse barulho, mãe! Parece que tem gente no rio!
- André, o dia nem amanheceu. Volta pra cama!

Mas o guri não voltou. Espiou pela fresta da janela até o primeiro raio de sol clarear toda a água.

– O André está estranhando a casa nova – disse a mãe por telefone para a vó – não consegue dormir direito, diz que ouve barulhos estranhos vindos do rio.

– É que ele não está acostumado a ter rio tão perto de casa. O Guaíba passava longe de onde vocês moravam.

– É, do Guaíba o André só conhecia o Gasômetro, ali no Centro. Aqui pra Zona Sul ele nunca tinha vindo.

– Eu não te disse? Logo, logo, ele se acostuma! – respondeu a vó, tentando acalmar a mãe.

– E a casa é tão velha... Cheia de quartinhos, portinhas, espaços que não sei para o que servem.

– Vocês logo vão se acostumar, minha filha.

– Tomara, agora vou desligar. O André está chegando.

A mãe largou o telefone e desceu as escadas para esperar o filho.

– Mãe, do teu quarto dá pra ouvir? – foram as primeiras palavras de André ao chegar em casa.

– Ouvir o quê?

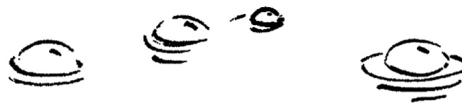
– O barulho do monstro!

– Que monstro!?

– O que mora nesse rio.

– Filho, não tem monstro nenhum. Nem peixe vive nessa água poluída...

Nem assim o guri se convenceu. Queria descobrir de onde vinham aqueles barulhos estranhos. Da casa, escolheu o sótão, no terceiro andar, para ser o seu quartinho de observações. Um quartinho especial para espiar o horizonte e guardar tralhas e descobertas. A mãe não reclamaria da bagunça, e ele ficaria sossegado no seu canto. Na parede, uma janelinha permitia avistar o rio, as pedras, a água, as ilhas e as cores.



Todas as noites, depois que a mãe dormia, André procurava mistérios pela janela.

Ele enxergava uma enorme extensão de água que refletia as luzes da cidade. Nas noites claras, era possível avistar a outra margem e algumas ilhas. De longe, um horizonte livre se via. De perto, um amontoado de pedras se revelava. Pedras que se espalhavam pela água, formando uma espécie de muro, que os barcos desviavam quando queriam passar. A água escura não deixava ver onde elas estavam presas.

Por dentro, o quartinho estava cheio de caixas velhas, cadeiras estragadas, móveis antigos, envelopes e papéis amarelados. Objetos deixados pelo último morador da casa.

Como a poeira era muita, André pegou uma vassoura, um balde e um rodo e resolveu fazer uma faxina no quarto. Antes de começar, sentou no chão à procura de descobertas. Encontrou brinquedos antigos, objetos usados, livros com dedicatórias, documentos, fotos, desenhos e um baú chaveado. Era tão velho e enferrujado o cadeado, que esfarelou todo na mão dele. Ao abrir a tampa, André viu, por uma fresta, que os objetos

estavam cobertos por poeira e teias de aranha. Assoprou, e algumas baratas saíram correndo. Depois de cessar o movimento delas, ele abriu completamente o baú, mas a tampa se desprende e caiu, num barulhão.

– Meu filho, o que é isso?

– Nada, mãe, só caiu a vassoura por cima do balde. Estou fazendo faxina.

– Que bom, meu filho. Esse quartinho está mesmo precisando de uns cuidados.

Continuando com suas descobertas, André encontrou uma luneta, um enorme caderno com anotações e alguns livros. Primeiro pegou a luneta e tirou o pó. Era cheia de detalhes dourados e feita de uma madeira antiga. A lente parecia estar boa. Foi até a janela conferir e descobriu que a distância que a lente alcançava era imensa. Numa olhada rápida para a água, André descobriu outras ilhas, que ainda não tinha visto. Eram dezesseis, ele sabia. A cidade era um arquipélago! Também era possível ver os animais, principalmente os pássaros que sobrevoavam as águas.

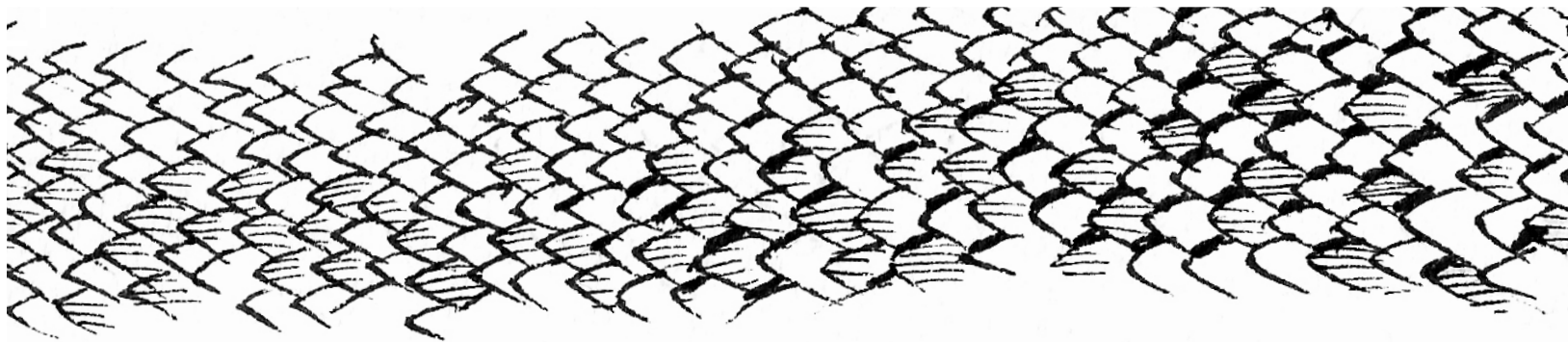
Depois pegou os livros, a maioria falava de lendas e seres imaginários. Desde o Negrinho do Pastoreio, até ETs com caveiras de cristal. Um dos livros falava em seres da lua, outro em seres da terra. E um, o mais rabiscado de todos, cheio de partes sublinhadas e recortes de jornal colados nas páginas, tinha o título OS MISTÉRIOS ESCONDIDOS NAS ÁGUAS. André escolheu esse para começar a leitura.

Durante todo o tempo livre que tinha, André ficava no seu laboratório estudando, lendo ou observando a água. Já estava no meio do livro quando viu uma página marcada, com um texto circulado e muitas flechas apontando para ele.

A lenda da cobra grande é uma das mais conhecidas do folclore amazônico. Ela conta que, numa tribo, havia uma índia que deu à luz duas crianças: um menino e uma menina. Os dois foram criados pelas cobras e aprenderam a rastejar e nadar como elas. Tinham escamas e o corpo alongado. Eram parecidos por fora, mas por dentro eram muito diferentes. Enquanto ela praticava maldades, ele procurava um jeito de fugir.

Numa noite de lua clara, o menino-cobra aprendeu a se transformar em homem. Mas o encanto só durou o tempo da lua cheia.

Ele descobriu que, cada vez que a lua aparecia inteira no céu, a mágica voltaria a acontecer.



André leu com atenção e depois observou a gravura. Uma enorme cobra, cheia de escamas pontudas, presas imensas e olhos vermelhos, brilhantes. Nessa hora, alguém bateu na porta, deixando André paralisado.

– Está na hora do jantar – disse a mãe abrindo a porta do quarto.

André estava mais branco que um papel. Percebendo o susto do filho, ela perguntou:

– André, está acontecendo alguma coisa que eu não sei?

– Nada mãe, só pensei que fosse outra pessoa.

– Estava esperando alguém? Já tens algum amigo por aqui?

– Não mãe, nem sei o que eu pensei. Mas obrigado, a minha barriga já estava roncando.

André falou isso, mas pensou que o que roncava mesmo era o seu pensamento. Quem teria guardado aqueles papéis, os livros e a luneta? O que queria descobrir?



No jantar, a conversa foi esta:

– Mãe, quem morava nesta casa? O que ele fazia? Por que nós viemos pra cá?

– Calma, calma, uma pergunta de cada vez, tá? Tudo o que eu sei é que o dono é conhecido da tua vó. Parece que ele teve que ir pra São Paulo e não queria deixar a casa sem ninguém morando. A tua vó disse que ele estava bem nervoso, ansioso pra alguém vir morar aqui.

– Mas se ele não gostava de deixar a casa sozinha, por que ela é tão velha e mal cuidada? E por que nós viemos morar aqui?

– Ah, filho. O aluguel lá onde a gente morava estava ficando muito caro, e eu sempre quis morar perto do rio. Acho tão charmoso...

– Mãe, não muda de assunto. Essa casa, quem descobriu?

– O antigo dono era conhecido da tua vó. Parece que teve que ir morar em São Paulo. E ela era amiga do pai dele, por isso ele ofereceu a casa. Ela sabia que a gente tinha que se mudar e ofereceu pra nós. Mas amanhã liga pra ela e pergunta, ora.

André resolveu terminar a janta em silêncio e, assim que pode, subiu para observar. Nessa noite descobriu que, do outro lado do rio, havia uma casa muito parecida com a sua. Com a lua cheia, dava para ver alguns detalhes. Uma janelinha igual a do seu quarto, uma escada, e uma varanda. Tudo muito parecido.



Quando André avistou a luz acesa na janela da casa, apagou a sua imediatamente. O mesmo aconteceu do outro lado do rio.

– Mãe, liga pra vó?

Foi assim que André deu bom dia para a sua mãe na mesa do café da manhã.

– Pra quê, André? Tua vó ainda tá dormindo a esta hora!

– Eu preciso saber quem era o dono desta casa!

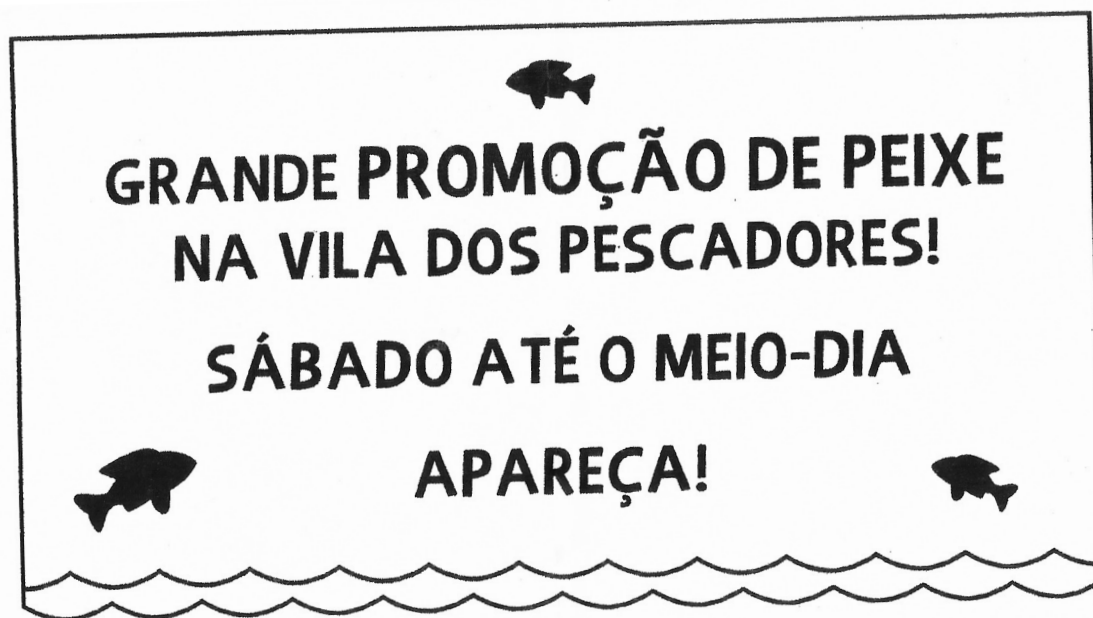
– Ainda com essa história, guri?!

– Manhê, eu preciso saber!

– Tá bom... Falo com ela mais tarde e depois te digo. Agora vai pra aula!

Na porta da escola, um menino, mais ou menos da idade de André, ajudava o pai a distribuir uns papéis. A maioria dos alunos passava reto e nem olhava, mas André logo o reconheceu. Era um menino que sempre brincava sozinho na beira do rio, parecia até que conversava com as pedras!

André estendeu a mão e pegou o pedaço de papel.



– Boa, vou convidar a mãe pra conhecer essa Vila.

Na hora do recreio, foi até a biblioteca procurar algo sobre a cidade, o rio, a lenda. Precisava descobrir também que lugar era aquele do outro lado, que tinha uma casa tão parecida com a sua.

Achou um livro de fotos antigas de Porto Alegre. No meio do livro, uma foto de uma balsa chamou sua atenção.

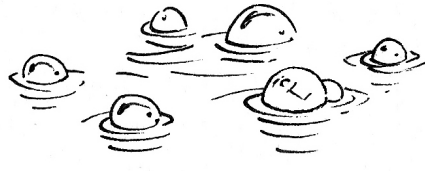


Comportando em média 50 carros, a balsa era o único transporte que fazia a travessia Porto Alegre Guaíba até a década de 50, quando foi inaugurada a ponte levadiça Getúlio Vargas. Com partida do cais do bairro Assunção, o trajeto da balsa durava cerca de 15 minutos, e levava em segurança os moradores de Porto Alegre que trabalhavam em Guaíba e vice-versa.

– Então aquela casa igual à minha fica na cidade de Guaíba? Será?

Quem precisaria de duas casas? E ainda iguais? Muito estranho...

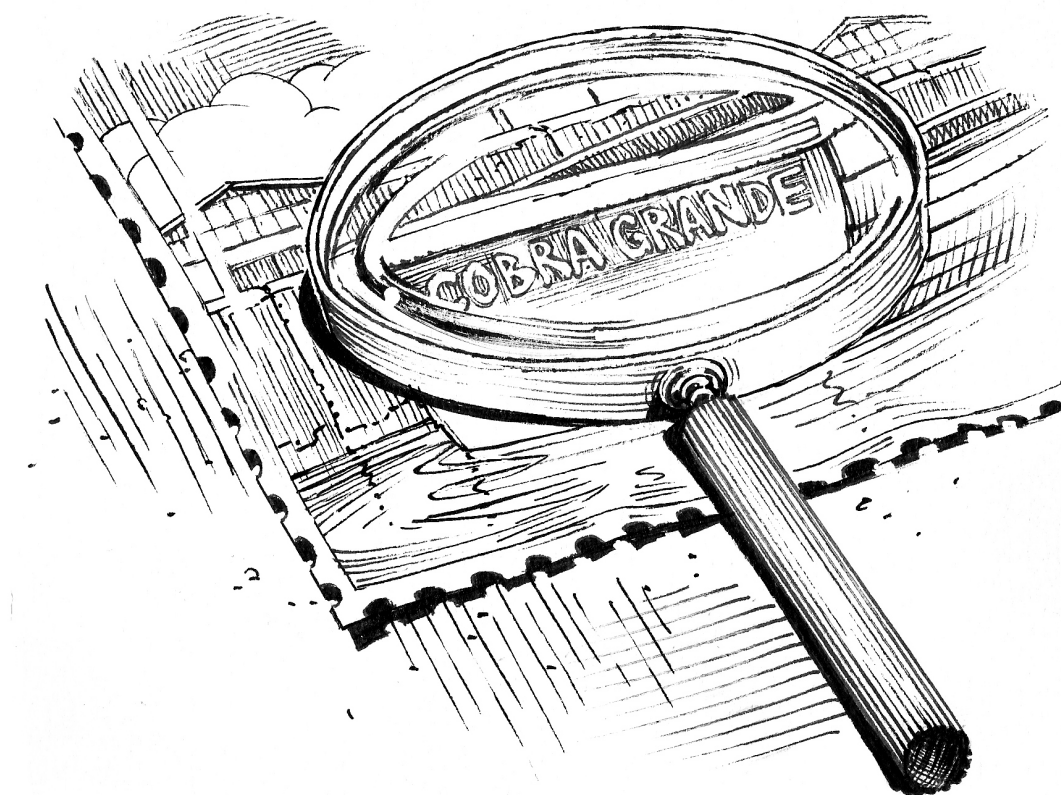
André não via a hora de ir para casa e descobrir mais coisas sobre aquele tempo antigo.



Quando chegou, as perguntas pulavam da sua garganta.

- Ligou pra vó Rosélia? O que ela disse? Quem construiu essa casa?
- Calma, André! Não liguei ainda...
- Mas, mãe...
- Vou ligar e dizer que está com saudade e que quer falar com ela.
Ela vai gostar.
- Convida ela...
- Pode deixar. Vou preparar uma jantinha especial, está bem?

André procurou pistas a tarde toda. Achou bilhetes da balsa e alguns recortes de jornal. Separou a foto de um barco de pescadores que parecia ter sido tirada na frente da sua casa. Com uma lupa, André descobriu o nome do barco:



André ouviu o barulho da campainha e despencou do seu quartinho para recepcionar a vó no portão.

– Vó, quem morava aqui?

– Oi pra ti também, André! Está gostando da casa nova?

– Oi, vó! Estou, sim! Só não aguento mais a curiosidade de morar na casa de alguém que eu não sei quem foi.

– Vamos entrar primeiro e depois a gente conversa.

– Vó, eu preciso saber quem construiu esta casa.

– Foi o seu Gregório.

– Que seu Gregório?

– O seu Gregório, o dono da Peixaria.

– Vó?!

– Era um senhor muito fechado. Mas ficou meu amigo. Passava as tardes olhando para o rio e não dizia quase nada.

–E como tu sabia que ele era teu amigo?

–Ele me deixava ficar por perto. Isso era um bom sinal.

–Onde ele está agora?

–Não sei muito sobre ele. Só sei que dizem que ficou louco. Morreu

já faz um tempão.

– E por que a gente veio morar aqui?

– O Marcelo, o filho mais velho dele, veio me procurar há uns meses atrás. Tinha que ir morar em São Paulo e não queria deixar a casa sozinha. Estava ansioso, precisava de alguém pra vir morar aqui e lembrou de mim. Até parecia que ia acontecer uma tragédia se a casa ficasse sozinha.

A vó não sabia os motivos de André, mas respondeu a todas as suas perguntas durante aquela noite.

– Tu andava de barca?

– Comia peixe?

– Tu morava em Porto Alegre?

– Conhecia a cidade de Guaíba?

– Já pescou?

– Conhece a cobra grande?

Nessa hora a vó se assustou.

- Quem?
- A cobra grande, vó!
- De onde você tirou essa ideia?
- De um livro, um livro que eu encontrei no meu quartinho lá em cima.
- Onde está?

A vó subiu as escadas até chegar ao quartinho de André. Lá, ele mostrou os recortes, a luneta e tudo o que pode. A vó ficou encantada lembrando o jeito que a cidade tinha. Achou engraçados os vestidos que as meninas usavam, os chapéus, os bondes, os barcos. Ficou até com um pouquinho de saudade de quando era criança.

– Vou te contar uma coisa. Quando eu era criança, vivia numa casa perto daqui. Foi quando eu conheci seu Gregório e, depois, mais velha, fui trabalhar na peixaria dele. Meu pai trabalhava lá do outro lado, na cidade de Guaíba, no Banco. Todas as manhãs ele saía, pegava a balsa, trabalhava e, no final da tarde, voltava. E sabe quem ia com ele?

- Quem, vó?
- O Boêmio.
- Quem!?

– O Boêmio era o cachorrinho da família. Ele saía de manhã junto com o teu bisavô, entrava na balsa, esperava do lado de fora do Banco e depois os dois voltavam juntos.



– E podia cachorro na balsa?

– Naquele tempo, podia.

– Às vezes, tu ia junto?

– Só nos dias de festa. Natal ou no aniversário do Banco. Era uma farra. Uma vez, uma dessas festas foi de noite. Eu era pequena, tinha uns cinco ou seis anos, mas lembro muito bem. Dava para ver as luzes da cidade acesas do outro lado do rio. As crianças estavam brincando perto da água enquanto os adultos jantavam. Uma senhora cuidava da gente. Era uma índia que desgarrou da tribo para morar aqui no Sul. O nome dela era Jaci. Ela nunca casou e dizia que ainda não tinha encontrado um índio bom o suficiente pra ela.

– E aí, vó?

– Naquela noite apareceu um homem lindo. Foi o que ela disse na hora.

– Como assim, apareceu?

– Assim mesmo. Ele saiu da água e veio falar com ela.

– Todo molhado?

– As suas roupas secaram num minutinho, como por encanto.

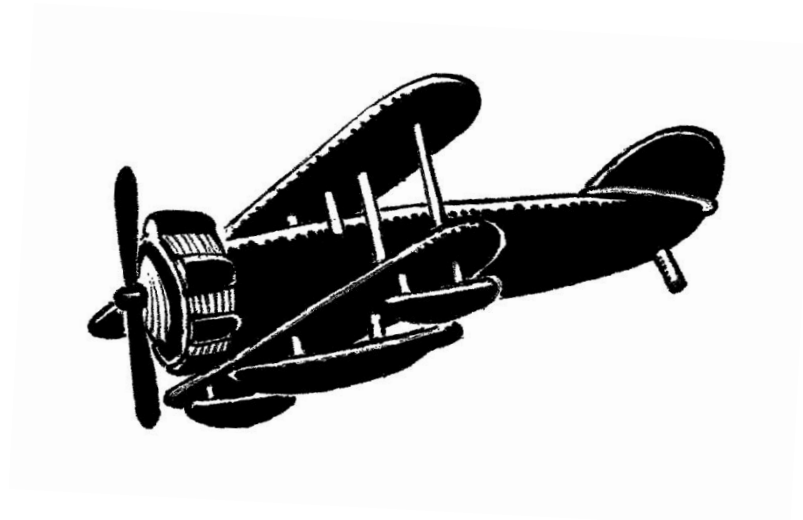
– E aí, vó?

– Ele começou a conversar e ela parecia enfeitiçada. Apaixonada. Então ele foi caminhando para a água até que mergulhou e a levou junto. No rio, só dava pra ver um monte de água levantada pelo movimento dos dois.

- E ela nunca mais voltou?
- Voltou, sim.
- Como?
- Parece mentira, mas ela foi salva pelo Boêmio, o cachorrinho do meu pai.
- Ai, vô, como pode?
- Todas as crianças, assustadas, foram chamar seus pais pra contar o que tinha acontecido. Os adultos vieram correndo pra ajudar. Ao chegarem à beirinha do rio, o cachorro estava arrastando a moça pra fora da água, segurando no seu vestido.
- E vocês?
- Ficamos com fama de mentirosos...
- Esse mistério nunca foi esclarecido? A moça não contou o que viu?
- Ela não se lembrava de nada. Aí era a palavra de criança contra a de adulto. Em quem acreditaram?
- No adulto, né?
- Isso mesmo. Somente uma pessoa se interessou em investigar melhor.
- Quem?
- O seu Gregório.
- Quem?

- O seu Gregório, o ex-dono desta casa.
- Conta mais, vó.
- Não dá, agora está tarde.

André se despediu da vó e voltou para o seu quartinho e leituras. Estava surpreso e encantado com as revelações.



No sábado, André e sua mãe foram visitar a feira do peixe na Vila dos Pescadores. Enquanto ela se encantava com os produtos e com as receitas que as mulheres ensinavam, André aprendia a pescar com as crianças da região.

Foi quando ele encontrou o menino que entregou o panfleto na porta do colégio. Sem pensar duas vezes, André se aproximou dele e perguntou:

– Tu já ouviu falar da cobra grande?

O menino reconheceu André.

– Ah!?

– A cobra grande!

– PSIUUUUUU! Esse é assunto proibido aqui!

– Como? Por quê?

– Tu não sabe? O fundador da Vila dos Pescadores enlouqueceu por causa dessa cobra. E muitos pescadores também. Aqui é proibido falar nesse assunto.

– Por quê?

– Por causa da fama.

– Que fama?

– De que os pescadores mentem. Acho melhor mudar de assunto.

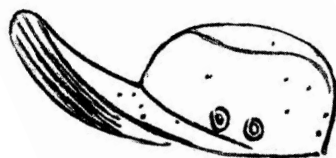
– Como era o nome dele? – insistiu André, desconfiando de que já soubesse a resposta.

– De quem?

- Do fundador da Vila!
- Se eu não me engano, ele se chamava Gregório.

André se lembrou da conversa com sua vó e entendeu por que os pescadores pararam de falar nesse assunto. Aproveitou o resto do dia brincando na beirinha do rio e anotou toda a conversa no seu caderninho de descobertas. O passeio terminou com a chegada do pôr do sol. Naquela noite, a mãe fez um prato especial para comemorarem o dia incrível que passaram: peixe na taquara.

Depois da janta, André foi para o seu quartinho, pegou a luneta e começou a observar. Queria encontrar novamente aquela janelinha, acesa como a sua. E lá estava ela. Dessa vez, André não desviou o olhar. Do outro lado do rio, alguém também tinha perdido o medo de segurar o olhar no seu.



- Mãe, quero conhecer Guaíba!
- Como?!
- A cidade de Guaíba, vamos lá no próximo fim de semana?

A mãe tinha gostado tanto do passeio na Vila dos Pescadores que resolveu aceitar.

Para André, a semana passou devagar. Toda a noite, procurava a lanterna na janela do outro lado do rio. E encontrava. Não via a hora de descobrir quem era o morador da casa igual a sua.

Chegou o sábado. Pela manhã, André pulou da cama e se arrumou. Lá foram eles para o Cais do Porto pegar a nova balsa, o Catamarã. No trajeto, André não tirou os olhos da água.

– O que foi, André? Tá procurando peixe nessa água poluída?
– debochou a mãe, mas André nem respondeu. Não podia perder um minuto sequer de investigação.

A viagem durou cerca de vinte minutos, e eles mal tinham descido do barco quando André disse:

– Quero andar na beira do rio.

A mãe não sabia das intenções ocultas dele e atendeu ao desejo do menino. Caminharam pela praia, observaram os pescadores e brincaram bastante. Enquanto a mãe se divertia, André tentava encontrar a réplica da sua casa.

– Mãe, olha só.

A mãe, que nunca tinha ouvido falar em outra casa igual à dela, levou um susto.

– Essa casa é igual à nossa, não é?

André concordou com a cabeça.

– Existem duas casas iguais, como se o rio fosse um espelho? Quero conhecer quem mora aí! – disse a mãe, decidida.

André ficou com medo da proposta. Enquanto inventava uma desculpa para não ir, a mãe subiu a escada e apertou a campainha.

– Olá?

– Deseja falar com quem? – era uma voz de menina.

– Com o responsável pela casa.

– Quem gostaria?

– Me chamo Marília, posso entrar?

A menina abriu a porta.

– Nós moramos do outro lado do rio e, hoje, eu e o meu filho descobrimos que nossas casas são idênticas.

O pai da menininha olhava atento para a afobação da mãe de André. A menina olhava para André.

– Como é o seu nome? – André criou coragem e perguntou.

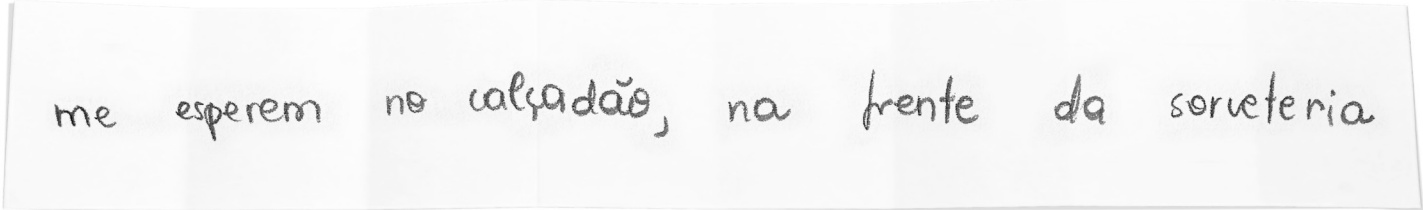
– Alice. E você?

– André.

– Mora aqui / lá há muito tempo?

Os dois perguntaram juntos e acharam graça na coincidência. O pai da Alice inventou uma desculpa para mandá-los embora. André e Marília estranharam essa reação e viram que a pequena Alice também tinha ficado decepcionada. Tinham tantas coisas para conversar! A mãe de André ainda insistiu, queria convidar o pai da Alice para ir até a casa dela, mostrar como eram iguais, que deveria ter uma história por trás disso tudo, mas ele disse que não gostava de histórias e não quis ouvir mais nada.

Antes de saírem, porém, Alice entregou um pequeno bilhete na mão de André.



me esperem no calçadão, na frente da sorveteria

André mostrou o bilhete para a mãe, e eles resolveram esperar.

Esperaram cerca de meia hora e nada da Alice.

Foi quando André avistou um bando de cientistas com jaleco da Universidade, que estavam na beira do rio com jeito de que estavam procurando alguma coisa.

- Desculpa eu perguntar, mas o que vocês estão pesquisando aí?
- Estamos pesquisando a fauna do lago.
- Lago? Aqui em Guaíba não é mais Rio Guaíba? Onde é que ele deixa de ser Rio Guaíba e vira esse lago aqui?

Achando graça da pergunta de André, o pesquisador respondeu:

– Na verdade, o nome é o que menos importa. Estamos preocupados com a saúde da água e com objetos estranhos que andam aparecendo por aqui.

– E que bichos vocês estão pesquisando?

– Encontramos uma matéria diferente, que nunca foi encontrada em nenhum outro lugar do mundo. Parecem ser escamas, mas, se forem, são de um animal muito grande, impossível de se deslocar pela água sem causar uma inundação na cidade. Portanto, essa hipótese das escamas foi descartada, mas ainda não conseguimos descobrir o que é.

André arregalou os olhos. Foi quando a sua mãe o cutucou e mostrou que, ao longe, Alice vinha correndo na direção deles. Eles deram tchau para os pesquisadores e foram ao encontro da menina.

– Desculpa a demora! Meu pai não queria me deixar sair de casa. Inventei que queria tomar sorvete.

–Essa é uma boa ideia, vamos?

Eles seguiram até a sorveteria. Quando sentaram, André não podia esperar nem mais um segundo para obter respostas.

– Nossas casa são iguais, sabia?

–Eu já sabia.

–Por que será, hein?

– Não sei direito. Só sei que o meu vô construiu elas assim.

– Teu avô?

– É. Foi meu avô que construiu. Aí, quando o meu pai e o meu tio brigaram, cada um ficou com uma casa e eles nunca mais se falaram. Por isso que o meu pai não quis falar com vocês quando disseram que moravam na outra casa.

– O teu avô é o Seu Gregório?

– É, o nome do meu avô é Gregório.

– E por que eles brigaram?

– Não sei, mas foi depois que o meu pai disse que o meu avô estava louco. Foi quando levaram ele para o asilo. Parece que o meu tio achava que o vô estava certo.

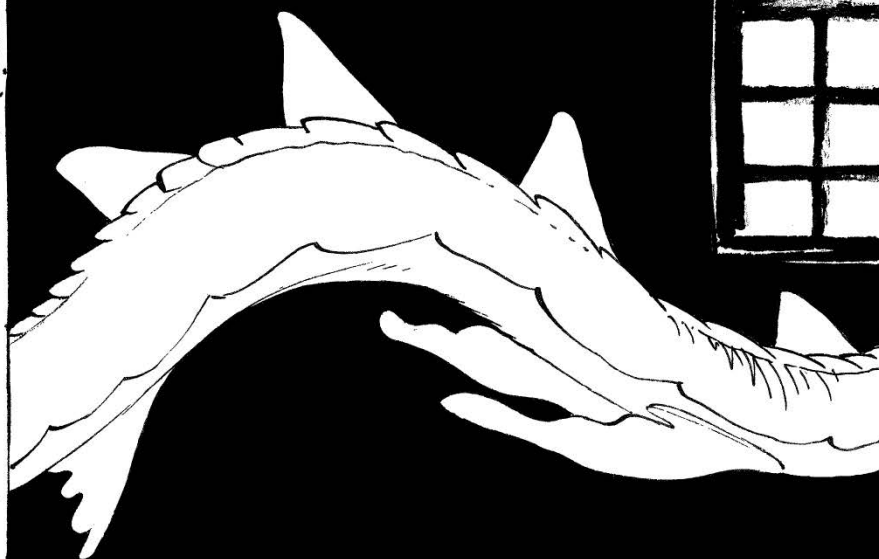
– Que história, hein?

– Estranha, né? Mas como vocês foram morar lá? E o meu tio, onde está?

– Teu tio foi morar em São Paulo, e não quis deixar a casa sozinha. Aí nos deixou morando lá.

E assim seguiu a conversa. Falaram sobre a casa, sobre o rio e até sobre a cobra grande. André contou para Alice tudo o que tinha ouvido dos cientistas, e viu que ela estava pensando o mesmo que ele. Quando viram, era noite, e o último horário do Catamarã já tinha saído em direção a Porto Alegre. André e Alice trocaram telefones e e-mails, deram tchau, e cada um seguiu para o seu lado. André e Marília resolveram voltar de ônibus.

SURVEILERIA



O caminho de volta era longo, passava por quatro pontes. Já era noite, e uma das pontes estava trancada. Era uma ponte móvel para a passagem dos navios de grande porte. A mãe nem se assustou. Sabia que isso por vezes acontecia. O menino estranhou. Abriu a janela do ônibus e esperou um policial se aproximar.

- Moço, o que está acontecendo?
- Os radares marcam a passagem de um navio.

André olhou para a água e não viu nada.

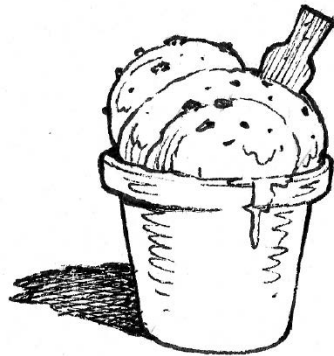
- Que navio?
- Esse é o problema. Não há navio e os radares ainda acusam a presença de um objeto enorme.
- O que vocês vão fazer?
- Esperar a liberação dos radares para o trânsito.

André observou a água que ondulava com o movimento do tal “objeto”. Acompanhou com os olhos até que o movimento parou. Deu para ver direitinho.

- Vão liberar a passagem – disse André para a mãe.

- Como tu sabe?
- Passagem livre – falaram os policiais num microfone de emergência.
- Sabendo, mãe, sabendo.

Agora, André tinha certeza: o Guaíba era a morada de um mostro enorme.



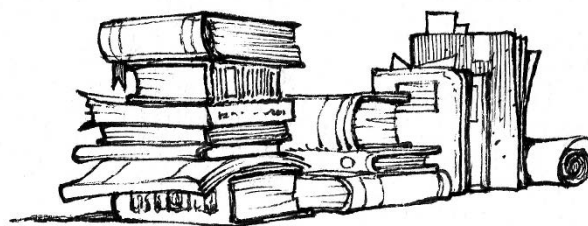
Era domingo, e a mãe convidou o menino para andar de bicicleta no calçadão em Porto Alegre. Era uma paisagem linda: a água paradinha, refletindo as árvores; pássaros voando que davam rasantes nos peixes que pulavam...

– E eu que pensei que nem tinha peixe nessa água – disse a mãe olhando a cena.

“Tem muito mais do que peixe nessa água”, pensou o menino em silêncio.

Naquela noite, o guri observou. As pedras do rio desapareceram e, ao primeiro raio de sol, já estavam de volta, no mesmo lugar. Durante a semana André observou e anotou o que descobriu. Desenhou a posição das pedras, o reflexo que faziam na água, as ondulações na superfície. Tudo.

Alice avisou que seu pai viajaria por três semana e convidou André para passar o sábado na sua casa. A mãe da Alice era diferente, não se importava que os dois brincassem de investigar. Ela era corajosa, não tinha medo do monstro nem de nada. Os dois respeitavam o medo dos pais sempre que podiam. Respeitavam na hora de falar, mas como o pensamento não se controla, os dois pensavam no monstro o tempo todo.



No sábado pela manhã, bem cedo, André tocou a campainha da casa de Alice. A amiga logo o levou para conhecer seu observatório (assim que ela chamava o seu quartinho). Lá, ele viu a luneta, o baú e as anotações. A única diferença era que tudo que no quartinho do André estava pendurado à direita, no observatório da Alice estava pendurado à esquerda, como se o rio fosse mesmo um espelho.

– Então nossas casas não são iguais, são viradas! – concluiu André, explicando as diferenças entre elas. – Aquele dia, a gente passou tão rápido que eu não tinha percebido!

André falou sobre as pedras e mostrou suas anotações para Alice. Os dois ficaram horas observando os movimentos da água. Foi um dia e tanto. No final, Alice deu um livro para André. Um livro antigo, todo amarelado, com umas partes descoladas na capa dura.

Porto Alegre: A enchente de 1941

“Entrava-se de barco pelo corredor da velha casa de cômodos onde eu morava.

Tínhamos assim um rio só para nós. Um rio de portas adentro.”

Mario Quintana

O ano de 1941, na cidade de Porto Alegre, foi marcado por uma grande tragédia. Durante 22 dias, entre os meses de abril e maio, choveu sem parar na capital dos gaúchos. A cidade ficou mais de quatro metros abaixo d’água. Em vários pontos, como na Rua da Praia e no Mercado Público,

o deslocamento só era possível se feito de barco. Os prédios ficaram submersos até o segundo andar, muitos animais morreram afogados e cerca de quarenta mil pessoas ficaram desabrigadas. A população buscou refúgio nos morros e nas partes mais afastadas do centro da cidade. As ruas viraram rios por onde as pessoas passavam de barco, e a energia elétrica teve de ser cortada.

A partir da segunda metade do mês de maio, o volume da chuva começou a cessar, mas mesmo assim a água demorou vários dias para escoar por completo. Cerca de 30 anos depois, já na década de 1970, foram construídos um sistema de diques e um grande muro na Avenida Mauá, para proteger a cidade das cheias do Lago Guaíba.

No final do livro, um comentário escrito a lápis, com a letra de Alice:

1941 - chegada do monstro em Porto Alegre.

André lembrou imediatamente da voz do cientista “Parecem ser escamas, mas, se forem, são de um animal muito grande, impossível de se deslocar pelo lago sem causar uma inundação na cidade”.

– Desde esse dia ele vive escondido e acomodado no fundo do rio. Vive quietinho sem assustar ninguém. Quando se mexe é tão vagaroso

que quase ninguém nota. – completou Alice.

André fechou o livro com a sensação de ter descoberto uma parte do mistério.

- 1- NÃO FOI SÓ A CHUVA QUE FEZ A CIDADE ALAGAR;
- 2- É POR CAUSA DA COBRA GRANDE QUE TEM AQUELE MURO LÁ NO CENTRO;
- 3- O ÚNICO QUE SE INTERESSOU EM PESQUISAR A COBRA GRANDE FOI O SEU GREGÓRIO;
- 4- POR QUE A COBRA GRANDE ANDA SE MEXENDO DE NOITE?

Depois de escrever, André levantou os olhos para Alice e perguntou:

- Por que o monstro fez aquilo? Inundar a cidade daquele jeito?
- Quando ele chegou, não veio sozinho. Muitos monstros vieram junto.
- Chegou de onde?
- Da Amazônia, ora.
- Como assim?

– Elementar, meu caro André – ironizou Alice – a cobra grande nasceu onde?

– Na Amazônia!?

– Então, de onde será que o monstro veio?!

– Mas por que um monstro da Amazônia veio ser monstro em Porto Alegre? E como foi que os outros monstros foram embora?

– Acho que na Amazônia todos já conheciam essa história. Era mais difícil de se esconderem. Sempre tinha alguma criança brincando de achar a cobra grande na beira dos rios. Aí vieram pra cá, onde poucas pessoas conhecem e têm muito espaço pra nadar. A Lagoa dos Patos é a maior do Brasil.

– Tá, mas e os outros, como foram embora? Ficou só a cobra grande aqui no Guaíba, né?

– Não foram embora... Cada um se escondeu num dos rios da região. São tantos...

Alice falava com a certeza de quem já tinha estudado muito, conversado com muita gente e feito muitas descobertas nas suas observações.

– Alice, eu acho que sei onde o monstro vive.

– Como assim?

– Sabe aquelas pedras perto da minha casa?

– Ahã!

– Pois é, de noite elas somem e só voltam a aparecer quando o dia nasce. Já tirei até foto.

André mostrou as fotos para Alice, e ela arregalou seus olhos curiosos.

Naquela tarde, os dois pegaram a balsa juntos, e Alice dormiu na casa de André. No meio da noite, sem que a mãe de André acordasse, foram para a beira do rio. Pegaram um bote inflável que estava no quartinho e que André tratou de consertar, colocaram o salva-vidas e se aproximaram das pedras.

Alice chegou bem perto e colocou a mão numa das pedras. Tocou de leve. Nenhum movimento aconteceu. Ela então resolveu beliscar a pedra, que é coisa bem difícil de se fazer.

Nada.

– Pode aparecer, nós somos amigos e sabemos da sua história. – falou André.

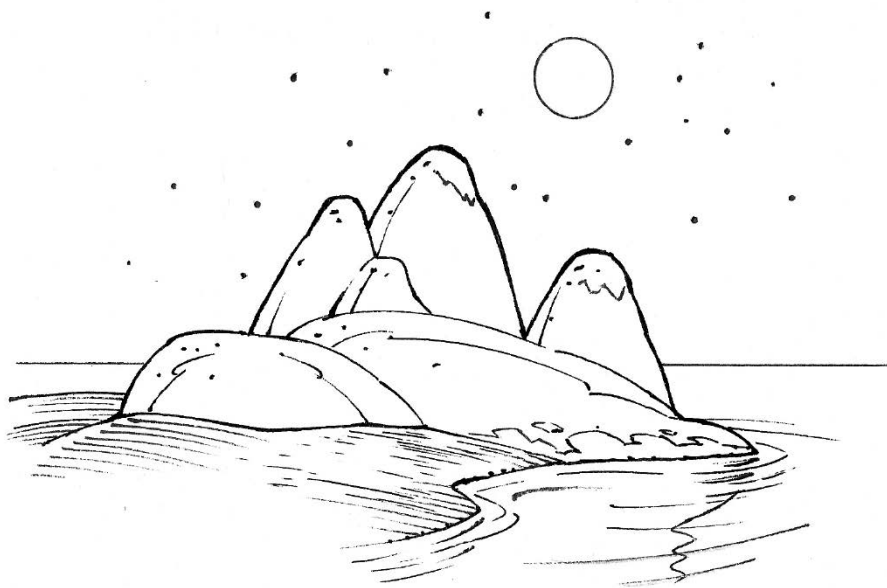
Não houve reação. Os dois chegaram até a desconfiar do que tinham certeza. Resolveram voltar para casa e registrar no livro de anotações. E foi a sorte.

O bote inflável estava começando a esvaziar, tinha rasgos enormes por toda a lona. Os dois chegaram em casa arrastando o que sobrou do bote, mas ninguém desconfiou de nada.

A semana correu sem confusão. Aula todos os dias e muito sinal pela janela durante a noite. A certeza estava no ar, na água e nas cabeças de Alice e André. O monstro existia mesmo. Só precisavam descobrir um jeito de fazer com que ele se sentisse à vontade para se revelar.

Pensaram em escrever um livro sobre sua vida. Pensaram em fazer uma festa para comemorar sua existência. Pensaram em cantar cantigas de ninar perto do seu ouvido. Pensaram coisas incríveis e outras absurdas. E nada parecia suficiente para fazer o monstro aparecer.

E o monstro continuava a sumir à noite e aparecer de dia.



No fim de semana, os dois voltaram a se encontrar: arrumaram suas mochilas, separaram suas lunetas e anotações e traçaram um novo plano.

– Amanhã vamos sair bem cedo, minutos antes de o sol nascer. Assim, podemos ver a hora em que o monstro volta pra casa e se transforma de novo em pedra.

– Boa ideia, Alice. Mas temos que nos esconder muito bem. Senão, ele não vai aparecer.

– É mesmo. Ele já nos provou que não quer se mostrar.

– E eu já sei por quê.

– Como?

– O Marcelo, teu tio, protegia o segredo dele, e ele sabia. Aí a gente veio morar aqui, e o monstro não nos conhece. Nem sabe se a gente consegue guardar segredo.

– É verdade! Aposto que o monstro deve estar com medo da gente.

– Eu já tinha visto gente com medo de monstro, mas monstro com medo de gente, essa é a primeira vez que eu vejo!



No outro dia, lá estavam os dois no meio do rio, num barquinho de pesca que André conseguiu emprestado com o seu amigo, o filho do pescador. Durante a noite, dormiram um pouco dentro do barco, mas estavam atentos na hora em que o sol raiou no céu. Prepararam as máquinas fotográficas, esperando o momento da volta do monstro.

Só que, nesse dia, ele não voltou.

– Deve ser porque estamos aqui. Ele nos viu.

Os dois voltaram para casa frustrados. Uma noite em claro, e nada resolvido. Estavam exaustos, sem alternativas e sem respostas.

Dormiram a manhã toda e só acordaram com a mãe gritando pela casa, assustada com o noticiário.

“O nível do Rio Guaíba está subindo numa velocidade alarmante. Em poucas horas subiu 4 metros, o que pode ser comprovado através do desaparecimento das pedras do centro do rio, que, com certeza, ficaram submersas. O que preocupa ainda mais os técnicos é a ausência absoluta de chuvas e tempestades. O que prova que o rio está subindo sem interferência do volume de água que recebe.”

– Deve ser o aquecimento global – grita a mãe pela casa– Essa gente que não cuida da natureza, não separa o lixo, toma banho mais tempo do que o necessário, não percebe que a Antártica está derretendo e aumentando o nosso rio. Agora vai ter enchente outra vez – imagina a mãe, espiando, apavorada, pela janela.

Não era o aumento do rio, mas o sumiço das pedras, o problema. André e Alice sabiam. E precisavam resolver.

– André, a gente tem que ligar pro tio Marcelo! Só ele pode nos ajudar! Vamos ligar pra a tua vó.

– Gente, vocês estão se metendo em confusão! – Respondeu a avó, procurando o telefone do Marcelo.

– Confusão, vó?!

– Claro! Vocês sabem que o Marcelo e o irmão não se falam há anos! O pai da Alice nunca gostou das loucuras do Gregório, tu já sabe! O que vocês querem com ele? Deixem ele em paz lá em São Paulo!

– Vó – disse André baixinho – deu problema com o monstro!

– A cobra grande?

– Ela mesma, vó...

– Então é grave. Vamos ligar.

Depois de ouvir tudo o que os dois tinham para contar, Marcelo disse que não tinha como vir pessoalmente ajudá-los, mas mandou os dois subirem até o sótão, o quartinho do André, e procurarem um mapa.

– Que mapa será esse? – perguntou Alice ansiosa.

Era o mapa de um túnel. Um túnel com três entradas. Uma das entradas era numa ilha, bem no meio do rio. As outras duas, eram nas casas iguais.

– Como isso é possível? Um túnel entre a tua casa e a minha?

– O túnel passa por baixo da água, minha cara Alice!

– Não pode ser. É muito fundo.

– Vem comigo ou não? – perguntou André, já arrumando a sua mochila para a travessia.

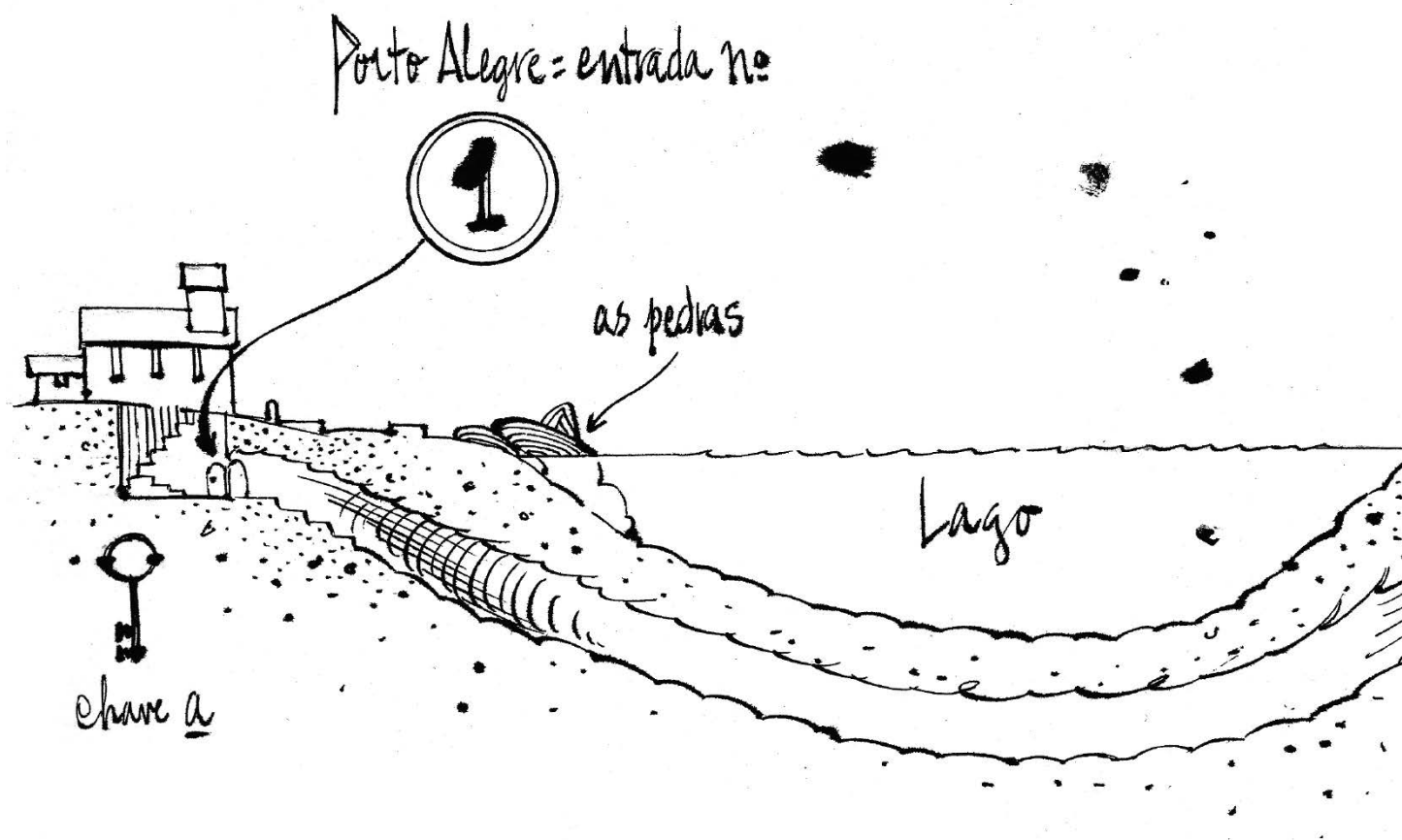
– Claro que vou, né?!

Os dois pegaram o mapa e seguiram as setas até encontrarem a entrada. O túnel iniciava no porão da casa de André. Tinha uma portinha estreita e uma chave. Depois de passarem pela porta, encontraram a trilha. Seguiram. Era escura e úmida. Caminharam muito. O mapa indicava que logo chegariam a uma caverna.

20 passos para a direita, 18 passos para a esquerda, 37 passos para o leste e 43 para o norte.

Eles fizeram tudo direitinho várias vezes e não acharam a tal caverna. Alice cansou e resolveu sentar um pouquinho. Nessa hora sentiu o chão se mexer. Era um chão lamacento e úmido. Ela levou um enorme susto e começou a cantar:

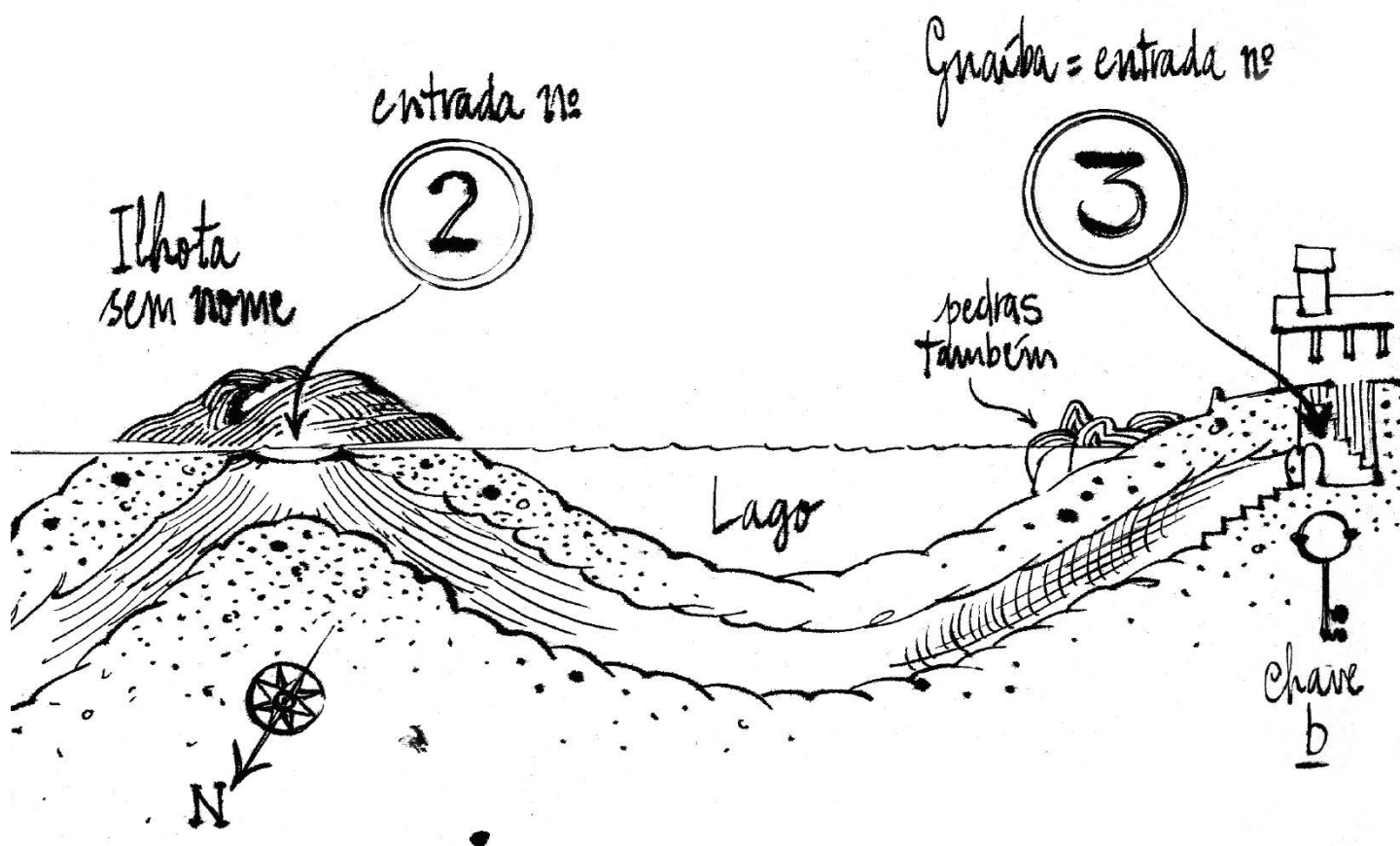
– Boi, boi, boi da cara preta...



Ela sempre cantava quando ficava nervosa. Era uma mania. A música era antiga, de menininha mesmo. Era a música que ela sempre lembrava nas horas de medo.

Dessa vez, não foi diferente. Enquanto ela cantava, o chão ficava firme. No silêncio, o chão se mexia outra vez. André segurou firme a mão de Alice e cochichou:

— Eu descobri o que está acontecendo, não para de cantar.



Ela passou a conversar com uma melodia na voz.

– Ooooo queeee ééééééé, heinnnnnnn????????

Com a lanterna, André iluminou uma parte da parede. Era colorida feito um mosaico. Um mosaico de escamas. A luz revelou vários desenhos, até encontrarem um rosto, ou melhor, um nariz.

O monstro ocupava todo o espaço da caverna.

– Estou com medo – disse Alice. Se o nariz dele é esse, a boca deve estar aqui perto!

– Calma, Alice! Não viu que é ele que está com medo de nós? Tanto que veio se esconder no quartinho que o seu Gregório fez pra ele!

– Monsssssssstro, monsssssssstro, estaaaaaaamooooooooos aquiiiiiiii para ajuuuuuuuudar, tudo beeeeeeeem?

E foi nessa hora que o monstro deu uma respostinha.

– Ruuuuuuuuu!!!!

– Isssssooooo meesssssmoooooooo. Nóóósssss quereeeeeemooooooooo ajudaaaaaar vocêêêê!!!!!! Vaaamossssss saiiiiiirrrrr daquiiiiiii

juntoooooooooo?

O monstro entendeu. Começou a se mexer. André e Alice seguiram ele pelo terceiro túnel, o que levaria até a ilha. André, Alice e o monstro demoraram um pouco, mas chegaram. Era uma ilha calma sem morador, mas com uma bela vista para a cidade. Os três ficaram ali um longo tempo. Quando o monstro agitava a sua cauda, Alice cantava um pouquinho e tudo se ajeitava.

Fora da caverna, Alice e André puderam ver as cores que o monstro tinha, as escamas brilhantes, o tamanho do corpo, as unhas enormes, o focinho, os olhos abertos e maravilhosos. As cores, os brilhos, tudo lembrava a hora em que o sol se deita no rio. Feito um espelho do pôr do sol.

Depois que anoiteceu, o monstro mergulhou na água e os dois voltaram ao túnel. André e Alice perceberam que estavam sem bússola e, no encontro dos túneis, escolheram um lado para seguir. Quando se deram conta, estavam na casa de Alice.

– Então é verdade, o túnel liga as nossas casas!

Isso explicava tudo. Os objetos semelhantes, a linha direta entre as janelas, a visão plena da água. O mapa. O dono das casas sabia de tudo. Ele era uma espécie de guardião do monstro e do segredo. E o túnel era a sua proteção. Uma passagem secreta.

Ao amanhecer, as pedras estavam no lugar de costume. Era o sinal

de que o monstro tinha voltado e confiava nos dois.

Nos jornais, cafês, bares e rodas de amigos da cidade, o assunto era sempre o mesmo, a rápida e tranquilizadora volta da água do rio ao seu nível normal.

André e Alice estavam realizados. Tinham conquistado a confiança do monstro. Eram os guardiões. Ligaram para o tio Marcelo e explicaram tudo. Ele ficou aliviado em ver que o segredo do seu pai estava protegido. Alice ainda tenta explicar tudo para o seu próprio pai, mas sempre que inicia esse assunto ele insiste em disfarçar.

Quando chega a noite e a cidade dorme, o monstro se distrai olhando as estrelas do céu e as luzes passeando entre as janelas de André e Alice.

E quando o dia volta, o seu rabo retorna ao lugar de sempre, deixando o Guaíba ainda mais bonito de se ver.



Selo da Kombina, 2017

Texto

Ana Carolina Pinheiro

Christina Dias

Capa e ilustrações

Edgar Vasques

Projeto Gráfico

Antonio Vasques

Revisão

Laís Medeiros

Maria Lília Dias de Castro

Coordenação Editorial

Selo da Kombina

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P654m Pinheiro, Ana Carolina.

O monstro do Guaíba / Ana Carolina Pinheiro e Christina Dias ; ilustrações
Edgar Vasques. – Porto Alegre: Acesso, 2013.
52p. : il.

ISBN: 978-85-99265-02-4

1. Literatura infantojuvenil. I. Dias, Christina. II. Vasques, Edgar. III. Título.

CDD 028.5

CDU 087.5

(Bibliotecária responsável: Débora Jardim Jardim – CRB 10/1598)

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados

à Selo da Kombina

contato@projetokombina.com.br

www.projetokombina.com.br





Ana Carolina Pinheiro nasceu em Porto Alegre. Da cidade, escolheu morar na Zona Sul, bem pertinho do Guaíba. Nos tempos livres, gosta de passear na beira do rio, tomar chimarrão e esperar até o sol se pôr.



Christina Dias nasceu numa cidade onde dizem ter o pôr-do-sol mais bonito do mundo. Por isso gosta de olhar para o rio onde o sol se põe e se emocionar com as cores, os reflexos e todas as imagens que o céu, o rio e o sol podem construir juntos. Também gosta de inventar nessa hora. Foi assim que nasceu o Monstro do Guaíba, numa dessas tardes em que o rio inspira quem passar por ali. É só saber olhar.

Nas águas mais calmas se escondem os abismos mais profundos. E neles, seus segredos.

André e Alice sabiam que aquele rio que banhava as cidades onde moravam poderia ser o esconderijo do maior de todos os mistérios.

Será que eles descobriram tudo?

SELO DA
KOMBINA

